



O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXXVIII • SÃO PAULO, JUNHO DE 2021 • EDIÇÃO 02



O que farão os grupos de Santos?

"Denúncia"
Pág 2

Acadêmico
"Experiência com a
Transferência Inter-
na?"
Pág 3

Poli
"Workshop Poli
Oceanos"
Pág 3 e 4

Política
"As manifestações do
19J e os desafios para
derrotar Bolsonaro"
Pág 7

ETC
"Sobre
quantidades"
Pág 8

Fala, Professor
"Em memória de
Shigueru Nagao Jr"
Pág 9 e 10

Arte e Cultura
"O Politécnico viu"
4 edições
Pág 10, 11, 12 e 13

Arte e Cultura
Poemas
Pág 14

TBT
Tirinha
Pág 14

Politreco
"Faketécnico:
JúpiterWeb"
Pág 15



**Quando eu crescer,
quero ser Engenheira**

EDITORIAL

Chegamos à 2ª edição no fim de junho. Como as outras edições publicadas online, trata-se de um amontado de textos já publicados e alguns novos, que serão veiculados nas próximas semanas nas redes sociais d'O Politécnico. Diferentemente da 1ª edição de 2021, essa não será impressa. Por que motivo, então, diagramar?

Essa é uma boa pergunta. Como editor-chefe, minha ideia é manter um registro mais formal do que fizemos nessa seção do ano. Quem sabe, nos anos vindouros, alguém se interesse por saber o que acontecia n'O Politécnico na pandemia e queira ler algo. Acessar a edição seria mais fácil do que buscar, nas redes, os textos que eram publicados.

Só que, depois de 1 ano e 3 meses (e contando) de quarentena, com as previsões otimistas chutando um retorno ao presencial em 2022, a equipe editorial julgamos que seria uma boa aproveitar a deixa e avançar na parte online do jornal. Em 2020, começamos a publicar no Facebook e um site foi criado. Numa transição de domínio, o site se perdeu e ficamos apenas com o Face. Nesse primeiro semestre de 2021, os esforços foram no sentido de recriar o site (que ainda está em construção, embora já seja usado) e, acreditem, ir para o Instagram também.

O insta depende do site para a sobrevivência e o site, sem o insta, acaba nem sendo acessado, então essa dupla casou e, mesmo com menos de um mês no ar, já temos bons resultados, que espero que também sejam bem utilizados no futuro. Ignorem o absurdo que é se vangloriar de criar redes sociais em 2021 (até sua bisavó já tem instagram). ~~Por isso, vem aí o TikTok do jornal.~~

Boa parte do trabalho da equipe tem sido nesse sentido e talvez por isso essa edição pareça sair um pouco tarde, mas, caro politécnico leitor, aproveite essa chance para ler alguns dos nossos textos. Por aqui você encontrará o retorno da coluna A Politécnica com um texto sobre o Dia da Mulher na Engenharia, a criação da nova coluna Política — porque, convenhamos, nada a ver publicar esses textos como "ETC" —, uma experiência na transferência interna da Poli, uma reflexão engenheira sobre quantidades e as mortes por COVID-19, a carta de homenagem ao falecido diretor do Grêmio Politécnico Shiguero, escrita por seu orientador, o professor Pellini, e muito mais.

Chegou agora, olhou, curtiu ou se interessou pelo O Politécnico? Quer tecer críticas, ajudar, escrever algo ou só acompanhar mais de perto? Procurem pelo editor que a gente ajeita!

EXPEDIENTE



O POLITÉCNICO

São Paulo, junho de 2021 - Ano LXXVIII - Edição 02

Editor-chefe: Arthur Belvel

Equipe Editorial: Alexandre Marques, Arthur "Tuti" Sproesser, Beatriz Bicudo, Beatriz Toscano, Fernanda Quelho, Maikon Semelewicy, Mateus Pina, Matheus Perotti, Murilo Noronha, Rafael "Sacada" Varanda, Roberto Ortega, Samira Paulino, Thalissa Reis, Thomás MASG, Verônica Emerick.

Diagramação: Arthur Belvel

Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação.

REUNIÃO

Quando? Quarta-feira

Que horas? 11h15

Onde? Google Meet!

CONTATO

 [fb.com/jornalpolitecnico/](https://www.facebook.com/jornalpolitecnico/)

 jornal.gremiopolitecnico.com.br

 [@jornalpolitecnico](https://www.instagram.com/jornalpolitecnico)

ENVIE O SEU TEXTO

bit.ly/uploadopolitecnico

Denúncia

Caro Diretor d'O Politécnico, Em um dos últimos TBTs, me senti muito desconfortável com o conteúdo do texto. Sendo assim, decidi escrever essa carta para denunciá-lo.

Bem, o texto que falo é o teste "Você deve ou não desistir da Poli?". Como amante de quizzes do BuzzFeed, essa publicação logo de cara chamou muito minha atenção, mesmo que não tenha gostado do tema (quiz de temática questionável é o que mais existe nessa vida). Porém, desde o início senti que aquele teste não é para mim (claramente foi escrito por um homem, para outros homens, fora as situações da Poli presencial que sempre reduzem minhas opções de escolha na metade, e olhe lá). Mas até aí, estava aceitando.

A gota d'água foi a pergunta 4: "Você chega na Poli e é informado que não terá a primeira aula, mas que terá as demais. Você: ". Esta é uma das perguntas menos aplicáveis na nossa situação atual, mas esse nem foi o maior problema que vi nela. Foi a sua opção B: "Vai para o Cepê azarar a mulherada na piscina"...

Pois é, nós bem sabemos que isso é assédio. Claramente, uma das alternativas é assediar as mulheres. E pior, marcar mais Bs no teste te leva para um resultado em que você deve ficar na Poli pois "certas mulheres (uma minoria infinitesimal) se impressionam bastante com politécnicos". Primeiro: está aí a nossa má fama no campus. Segundo:

realmente, politécnicas não existem no mundo do autor (e nem me venha falar que isso tem relação com minha orientação sexual, duvido que alguma mulher escreveria isso). Terceiro: o que eu mais queria é que um indivíduo assim fosse embora (e teria ido tarde...).

Sinceramente, não vejo problema do texto ser compartilhado, pois nada mais é que um registro histórico. O que eu senti falta é de algum adendo que servisse de alerta ao conteúdo do texto, podendo gerar também reflexão. Sei que são outros tempos e que pode ser óbvio para grande parte da nossa comunidade, mas infelizmente tenho certeza que ainda não é para todos (quantas histórias já ouvimos, isso quando não aconteceu com nós mesmas).

O senhor pode pensar o que quiser (talvez seja mesmo chatices minha em querer julgar um texto do passado com olhos do presente), mas não tinha como me manter calada. Na minha visão, passar pano para posts como esse é mostrar que aceitamos.

Atenciosamente,

Letícia Kimoto, uma de muitas politécnicas.

Nota do editor: o texto ao qual ela se refere não será veiculado novamente. A equipe editorial se compromete a não publicar textos desse teor novamente.

Experiência com a Transferência Interna

No dia 24 de Janeiro de 2020, fui notificada que tinha sido aprovada na Universidade em que sonhava há muito tempo, a USP. Ainda me recordo da enorme felicidade que senti naquele momento, mesmo que não tivesse ingressado no curso que realmente desejava — Engenharia Química —, pois sabia que ali era onde queria estar.

Contudo, devo confessar que, ao notar que o curso de aprovação era Engenharia de Petróleo no Campus de Santos, fiquei um pouco receosa pelo fato de ter que morar em um lugar que realmente não conhecia nada. Mas, ao conversar com algumas pessoas que passaram pela mesma experiência, fiquei mais tranquilizada. Também me informaram sobre o processo de transferência interna, o que me deu muitas esperan-

ças da possibilidade de entrar no curso que desejava.

Quando começaram as aulas, estava determinada a aproveitar ao máximo o curso onde estava, pois, mesmo que desejasse transferir, poderia, afinal, acabar gostando da engenharia. Além do mais, só temos um primeiro ano.

Infelizmente, só tivemos três semanas presenciais, o que dificultou um pouco o plano de aproveitar ao máximo, mas essas semanas foram incríveis, pois pude conhecer pessoas muito especiais, que hoje tenho a felicidade de chamar de meus amigos.

No EAD tudo ficou mais estressante, inclusive os estudos, mas como decidi seguir com o plano da transferência, precisei estudar bastante, visto que a classificação é feita através da média ponderada das notas nas disciplinas do

Núcleo Comum do primeiro e do segundo semestre. Assim, entrei em uma rotina cansativa de estudos, em que o meu dia era basicamente estudar, não sabia naquele momento o quanto isso estava me desgastando mentalmente e me deixando mais ansiosa pelo processo.

Felizmente, o que me salvou dessa rotina monótona de estudos, foi ter sido convidada para fazer parte da entidade que hoje amo demais, o Grêmio Politécnico. Não que não seja um trabalho puxado, afinal, é uma grande responsabilidade representar todos os estudantes e demanda bastante dedicação, porém me fez perceber o quanto estava exausta de só estudar e, além de tudo, encontrei pessoas maravilhosas, que considero como parte da minha família, inclusive algumas que tam-

bém queriam transferência, o que foi muito importante, pois nos incentivávamos a não desistir.

Finalmente, no dia 5 de Março de 2021, o resultado do processo de transferência saiu, naquele momento meu coração quase parou quando vi que tinha sido aprovada. Senti como se estivesse recebendo novamente o resultado do vestibular e, de repente, todo aquele cansaço já não importava mais, porque tinha valido a pena. Para finalizar quero dizer que fico à disposição para auxiliar no que precisarem sobre o processo de transferência e pontuar para não desistirem do curso que sempre sonharam, pois no final todo o esforço vale a pena.

Natália Verei,
Engenharia Química, 2º ano.

Workshop Poli Oceanos

Quer ficar inteirado sobre a Década dos Oceanos da ONU (2021-2030)? Se sim, está convidadíssimo para o Workshop Poli Oceanos, organizado por alunos da disciplina Introdução à Engenharia (PNV3100), o qual ocorrerá no dia 10/06 (quinta-feira), às 13h, na plataforma Zoom e, além disso, terá uma transmissão pelo YouTube. Vários alunos das engenharias mecânica, naval e de produção organizaram o workshop, que trará discussões sobre os principais tópicos do desenvolvimento sustentável e sua relação com os oceanos, apresentados nas 3 palestras a serem realizadas, cujos subtemas são: Impactos devidos às atividades dos centros urbanos nos oceanos; Impactos devido às atividades do transporte marítimo; Exploração dos recursos do oceano e seus im-

pactos.

Para você não ficar perdido, aqui vai uma explicação melhor sobre a matéria: PNV3100 é a disciplina de introdução à engenharia para a mecânica, naval e produção. Nela os alunos ingressantes têm contato com o método de engenharia pela primeira vez no curso, guiados a desenvolver um projeto de identificação e propostas de resolução de um problema, que varia a cada ano. Entre os meios utilizados para isso, há o desenvolvimento deste workshop. Os alunos das 3 engenharias são divididos em 7 turmas, dentro delas há o contato com 3 subprojetos e cada um destes possui inicialmente 2 grupos de, em média, 5 pessoas cada, estimulando o trabalho em grupo.

A experiência da organização do workshop — projeto retoma-

do pelos professores da disciplina em 2021, após não acontecer em 2020 — gera um grande desenvolvimento nos alunos. Sem a realização do workshop, a disciplina é feita apenas com trabalhos escritos e teóricos, deixan-

do os alunos sem a execução de algo concreto. Segundo um dos organizadores, "a experiência do workshop e a tentativa de atingir um grande público causa em nós grande prazer e comemoração a cada etapa vencida". É o primei-



Continua na próxima página >>>



ro grande evento que alunos ingressantes de 2021 participam ativamente na organização. Assim, além de obter conhecimento proveniente das palestras, você poderá dar a esses organizadores o devido reconhecimento pela organização de um trabalho desse porte.

Como é de se esperar, desenvolver um evento dessa proporção (que será assistido, ao menos, pelos 180 alunos da disciplina)

gera discordâncias entre os alunos. Apesar disso, os organizadores acreditam que, após os atritos de ideias, estão consonantes na execução final do projeto. Isso faz parte do projeto da disciplina, que busca alicerçar o raciocínio de engenheiro(a): nada melhor do que resolver problemas e conflitos em equipe.

A ideia é debater e entender como mitigar os impactos antrópicos nos oceanos. A abertura

já introduz o tema discutindo o papel da mídia na conscientização da sociedade acerca dos impactos humanos sobre os oceanos, com um convidado especial que será divulgado em breve. Compareça no evento na próxima quinta-feira (10), das 13h às 17h, e descubra por que “o mar não está pra peixe” assistindo às palestras do Workshop Poli Oceanos! A transmissão pelo YouTube ficará gravada e será disponibilizada. Mais

informações em @workshoppolioceanos.

Arthur Sproesser,
Engenharia de Minas, 1º ano.

Nota do editor: o evento ocorreu e já está disponível no canal de YouTube oficial da Poli. A matéria está sendo veiculada novamente para que possamos divulgar a gravação.

EXTENSÃO

O que farão os grupos de Santos?

A Poli Santos é a unidade da Escola Politécnica na cidade santista, em que se leciona o curso de Engenharia de Petróleo, além de ser uma unidade voltada para pesquisa. A partir de 2021, como qualquer ingressante em petróleo deve ter reparado, o curso retornará para o campus de São Paulo e, por tal razão, a graduação em Engenharia de Petróleo na Poli Santos encerrará em 2024.

Tendo sido instalada em 2012, os alunos que ali chegaram se compararam com uma Poli bem diferente da capital. Isso porque, além da questão de não ter veteranos, faltavam vários aspectos essenciais para a vivência universitária. Falar de problemas que aconteceram na Poli Santos, porém, é bater numa tecla já quebrada. A verdade é que, durante todo esse período, diversos projetos foram desenvolvidos e muita coisa boa surgiu ali.

Dentre esses projetos, notam-se os grupos de extensão criados ali. A extensão é um dos 3 pilares da Universidade (ensino, pesquisa e extensão) e, sem essa parte desenvolvida pelos alunos, Santos seria capenga. Enquanto na Poli do Butantã temos dezenas de grupos, desde foguete a teatro, por anos faltavam grupos na baixada, até que eles foram surgindo ao pouco e, até 2020, 4 grupos existiam: o Capítulo Estudantil SPE da

USP, a Core Jr, o Cursinho Pré-vestibular AtuaMente (CPVAM) e a Poli Subsea.

Quicá o leitor conheça algum desses grupos, embora isso seja bem incerto. Se for um aluno ou ex-aluno da unidade da baixada, a probabilidade de conhecer aumenta bastante, fora isso, eu duvidaria. Ainda assim, mesmo sem conhecer os grupos, o leitor, atento à redação do texto, se questiona: com o iminente fim da graduação na Poli Santos e a falta de ingressantes, o que farão os grupos? Encerrarão as atividades? Tentarão uma subida? Se tentarem subir, seria pegando o carro e subir a Serra do Mar? São inúmeras possibilidades e, como era de se esperar, grupos diferentes seguiram caminhos diferentes. A equipe d'O Politécnico entrou em contato com membros e ex-membros dos quatro grupos para elucidar tais questões.

Capítulo Estudantil SPE da USP

O Capítulo Estudantil SPE da USP surgiu, em 2012, como uma divisão dos estudantes da Engenharia de Petróleo da USP na Society of Petroleum Engineers (SPE, tradução livre como “Sociedade de Engenheiros de Petróleo”), uma sociedade extremamente organizada e que busca ampliar as discussões na área de engenharia de petróleo ao re-

dor do mundo — com o curso de engenharia de petróleo da Poli, funcionou da mesma forma. O Capítulo é formado por estudantes de graduação dessa engenharia, que realizam projetos e buscam diversas formas de estimular o contato dos alunos com o mercado de óleo, gás, e outras discussões que envolvem toda a cadeia do petróleo. Trata-se de um grupo focado totalmente na parte de petróleo e com grande importância para a extensão universitária desse curso.

De acordo com o atual presidente do Capítulo Estudantil, há uma forte rede de contatos na SPE, que se estende a nível nacional e mundial, permitindo que projetos dentro da área de petróleo sejam executados e tragam personalidades importantes, como é o caso do Workshop de Petróleo, evento anual promovido pelo Capítulo na Poli. Porém, na SPE da Poli, a intenção não é de “formar

um time”, em que cada um trabalha em uma área restrita e todos compõem a SPE. A vontade é de que haja um grupo pequeno e que essas pessoas estejam alinhadas e buscando realizar um mesmo projeto, com todos se ajudando no trabalho. Ainda segundo ele, o fato de as pessoas que participam do projeto terem pouca experiência na área gera dificuldades e eles pretendem superar trabalhando juntos.

Para a transição para São Paulo, não há pressa. O foco do Capítulo é realizar o trabalho da mesma forma e preparar uma base forte para que, quando as pessoas de São Paulo tenham já mais conhecimento e domínio, tanto em sua engenharia quanto no funcionamento do projeto, possam receber o projeto em mãos e saber exatamente o que fazer. As pessoas que tocarão a SPE em São Paulo já deverão ter um preparo maior para que possam dar con-



Capítulo Estudantil da USP

Continua na próxima página >>>



EXTENSÃO

tinuidade ao projeto num futuro próximo, realizando projetos novos e estimulando os alunos a se engajarem com sua engenharia.

Core Jr

A Core Jr nasceu como a empresa júnior (EJ) da Poli Santos, em 2016, com a proposta de trazer o ambiente empresarial para Santos. O foco inicial era trazer empresas focadas em petróleo, mas como quem participava da EJ eram pessoas no começo da graduação, não sabiam tanto sobre petróleo e, com os anos, migraram para tecnologia, atual área da empresa. Hoje o foco é o desenvolvimento de sites, planilhas customizadas, aplicativos etc para pequenos e médios empreendedores, buscando um crescimento mútuo. A organização interna é com divisão de cargos e o processo seletivo integra trainees.

Em 2020, a Core Jr sofreu com uma grande evasão de membros. É o costume operar com cerca de 10 pessoas, porém vários saíram da gestão e, ainda no 1º semestre, sobravam apenas 4 no grupo. Ironicamente, nesse período houve um crescimento da empresa que, por estar bem estruturada e com o foco na tecnologia, não dependia do presencial para existir. A partir do segundo semestre as coisas começaram a funcionar melhor, com o ingresso de novas pessoas, porém um problema se aproximava: com a certeza de que o curso seria transferido de volta para São Paulo, o que fazer com a Core? Como boa parte da gestão era de membros novos, havia a certeza de que

teriam pessoas para participar desse projeto, o que resolvia, por si só, muita coisa. Faltava analisar o que seria feito.

As discussões para isso começaram ainda nesse segundo semestre, com a avaliação de estratégias para subida. Diferentemente da SPE e Poli Subsea, havia, em São Paulo, um grupo de extensão com atuação parecida à da Core Jr: a Poli Jr, empresa júnior da Escola Politécnica que atua desde 1989. Para a Core, porém, isso não foi visto como um problema: na Poli tem gente pra todos e as empresas estão em áreas e portes diferentes. O enfoque decidido seria de buscar bixos de petróleo SP, mas seria aberto para todos.

Nesse sentido, obtiveram certo êxito com os ingressantes: novos 3 membros, sendo 1 da naval e 2 de petróleo. Para a equipe, há diversos aspectos que serão melhorados para o processo seletivo 2021.2 para que possam garantir uma gestão em 2022, mas mantendo o “sentimento de família”. O momento é de atrair mais gente, garantir maior visibilidade para o grupo e diversificar a Core Jr, para que cada um possa evoluir individualmente no grupo.

Apesar disso, os planos não param por aí. A gestão planeja transferir a documentação da EJ para o cartório do Butantã ainda esse ano, além de usar um banco digital para o grupo, visando a facilitar a transição definitiva. Para 2021 e 2022, imaginam reuniões mistas com modo online, mas já pensam que, no futuro, será preciso um espaço físico para reuniões em São Paulo. A Core Jr deve

continuar com suas atividades e ampliar seus horizontes nos próximos anos.

Cursinho Pré-vestibular AtuaMente (CPVAM)



Idealizado em 2015, surgiu como um projeto de monitoria de matemática oferecida pelos alunos da engenharia de petróleo. Foi em um ano em que mais de 10% dos ingressantes eram provenientes de cursinhos populares. Quando chegou 2016, o projeto se expandiu para um cursinho popular de turmas anuais de 50 alunos, o Cursinho Pré-vestibular AtuaMente (CPVAM).

Nesse projeto, são ministradas 5 aulas de 50 minutos diariamente, de segunda a sexta. A ideia é cobrir os conteúdos requisitados nos principais vestibulares, com foco na Fuvest, possibilitando que jovens e adultos da baixada santista acessem esse conhecimento para ingressarem nas universidades. No período pré-pandemia, o CPVAM também promovia eventos culturais, visitas às universidades, entre outros eventos. No momento, as aulas são ministradas ao vivo no Google Meet e/ou disponibilizadas no YouTube. Foi montada uma parceria com outro cursinho popular na Baixada, para que algumas aulas sejam ministradas para as duas turmas. Busca-se manter o contato com os alunos, mesmo que online, além de incentivar os estudos por outras formas como listas e simulados.

A organização do CPVAM, até 2019, era feita por uma diretoria de 5 a 10 pessoas que mudava a cada ano, sendo todos alunos da graduação na Poli Santos. Os alu-

nos da graduação também eram, por vezes, professores e monitores no cursinho. A partir de 2020, a diretoria se tornou formada por alunos da pós-graduação em Santos e membros externos (professores do Cursinho desde a fun-

dação), sem a participação dos graduandos, que também não estão mais presentes no corpo docente devido à falta de interesse no projeto.

Essa falta de interesse é uma das atuais ameaças ao CPVAM, pois, como não haverá mais ingressantes na graduação em Santos, a tendência é que não tenham mais alunos participando do projeto, contando apenas com os interessados na pós-graduação. Sem que haja pessoas ligadas à USP, o cursinho pode perder o vínculo com a Universidade. Como a localização física do CPVAM é na própria Poli Santos, isso poderia representar a perda do espaço físico do cursinho.

De acordo com uma das pessoas na diretoria do projeto, não há previsões para o futuro. O cursinho é de Santos e não deve subir para São Paulo, mas não se sabe se o projeto será continuado. Muitos dos membros já não possuem vínculo com a USP, mas a diretoria do CPVAM se esforçará para continuar atendendo alunos da Baixada Santista, porém ainda sem saber como isso deve ser feito.

Poli Subsea

A Poli Subsea foi (spoiler!) um grupo de extensão focado no desenvolvimento de ROVs (do inglês, “Remotely Operated Underwater Vehicle”, traduzido para “veículo submarino operado



Core Jr em 2021

Continua na próxima página >>>

EXTENSÃO

remotamente”). Era um grupo técnico, como os que compõem a GE4R no campus de São Paulo. Operou sob o nome de Subsea entre 2019 e 2020, sendo a continuação da “Academia ROV”, grupo que comprava kit de ROVs e apenas montavam e testavam, mas que se dissolveu após problemas com o docente que participava do grupo.

Apesar de ter surgido formalmente em 2019, Bruno Fois, o Rag, que entrou na Subsea naquele ano, garante que o grupo já era bem estruturado, sendo já organizado e desenvolvido, além de contar com os “melhores alunos” da baixada. A Subsea operava com um espaço físico, que era uma sala com equipamentos e, embora pequena, possuía um programa bem embasado por trás. Isso pois ROVs são essenciais na indústria de petróleo, amplamente usados nas plataformas petroleiras, o que permitiu que o grupo conseguisse o apoio do SENAI de São Caetano do Sul, de Cubatão e de Santos.

Além desses apoios, a Subsea foi financiada pelo Amigos da Poli

em 2019. Nesses períodos, o grupo técnico “cobria o vazio” desse tipo de atividade na unidade de Santos. A partir desse período, o grupo não mais comprava kits, mas sim desenvolviam seus próprios projetos e, ainda que com menos de 10 participantes, havia separação em diretorias para cada um desenvolver seu melhor. Os testes eram feitos, por vezes, em piscinas infláveis e, num desses testes, encheram a piscina no apartamento de um dos membros e afundaram um pouco o piso do prédio: a Subsea trabalhava num jeito “mão na massa”.

Talvez por serem um grupo tão mão na massa, com poucas pessoas, quando a pandemia e, com ela, a quarentena, chegaram, o grupo sofreu um golpe profundo. Não tinham feito o processo seletivo de 2020 e, sendo tão técnico, não fazia sentido continuar operando à distância — entraram no “modo de espera”, deixando a Subsea com um pé na cova. A subida da Engenharia de Petróleo para São Paulo colocou o outro pé do grupo no sabonete, já que,

se continuasse em Santos, não ia ter gente interessada e, com as dificuldades que já enfrentavam e sem membros novos, uma subida era inviável.

Foi no início desse ano que decidiram, então, encerrar as atividades definitivamente. Para Rag, se petróleo continuasse em Santos, o projeto poderia ser retomado quando as aulas presenciais retornassem. Como não é o caso, o ex-membro acredita que, se um dia houver alunos interessados, o projeto pode ser reiniciado em São Paulo. “Eu ajudaria a retomar, refazer esse contato, afinal o SENAI que mais ajudava era o de São Caetano, que é ali na Grande São Paulo”. Portanto, a Poli Subsea é um grupo que se encerrou por conta da subida, mas que, pela aplicação na Engenharia de Petróleo, poderia ser retomado.

Num âmbito geral

A subida do curso de Engenharia de Petróleo para São Paulo impactou a vida de dezenas ou centenas de alunos das mais diversas

formas. A Poli Santos teve um verdadeiro “boom” de projetos de extensão no período em que recebeu ingressantes e, passada essa fase, esses grupos buscam se remanejar da melhor forma possível. Temos casos e casos: alguns encerram, outros estruturam uma subida planejada, outros se mantêm e analisam com calma os próximos passos. O importante é que a história desses grupos e sua importância para os alunos e para a história da Escola Politécnica não seja esquecida nem apagada. Que nos próximos anos, nos lembremos de projetos como o da Poli Subsea, que façamos o possível para ajudar grupos como o CPVAM e que grupos como a Core ou o Capítulo sempre se lembrem de suas origens e que esse processo transitório permita fortalecer a atuação desses grupos.

Arthur Belvel Fernandes,
Engenharia Mecânica, 2º ano.

A POLITÉCNICA

Quando eu crescer, quero ser Engenheira

Quando paramos pra pensar sobre o que é ser mulher em um espaço que somos minoria, espera-se que a maioria das falas sejam no sentido motivador, e algumas vezes elas realmente acabam sendo. Você que é mulher e está na Poli: quantas vezes você já ouviu que “estudar aqui é direito seu como de qualquer outro homem; você pode ocupar o lugar que você quiser, assim como qualquer outro homem; você é forte por estar em um lugar repleto de homens e que sempre foi dado como masculino”? Devem ter sido várias, o que de certa forma é positivo, mostra que, mesmo que de pouco em pouco, estamos conseguindo ocupar esse espaço que já foi muito mais masculino — se é que é possível imaginar. Mas

isso é o básico, né? Poder ter os mesmos direitos quando saímos da escola e escolhemos a carreira que queremos ter. Ter um sonho de criança e poder seguir ele

pra sua vida, sem ter que pensar nas complicações e dificuldades a mais que isso pode trazer, como os meninos fazem.

Infelizmente o que parece ser

trivial não é, e passa muito longe de ser. Atualmente na Poli menos de 20% do corpo discente é composto por mulheres. Então falas que simplesmente dizem que você pode estar nesse lugar significam muito. Ainda mais inspirador que isso é ver mulheres engenheiras, ocupando cargos de liderança, sendo tudo aquilo que você sonhou quando criança, é uma sensação inigualável. Não é só diversidade e representatividade, é ver que você pode fazer o que almeja por ter a mesma capacidade que qualquer outra pessoa e que consegue chegar lá mesmo com todas as dificuldades a mais. Toda a trajetória que uma mulher precisa passar pra chegar a uma carreira de engenharia, ou até mesmo de exatas, e ir para um cargo de liderança, é muito mais



Continua na próxima página >>>

A POLITÉCNICA

conturbada do que a trajetória de um homem que busca o mesmo destino. Não é só o famoso "você tem o mesmo direito de ocupar esse lugar", é muito mais.

Essa é uma parte que não costumam falar tanto. Normalmente tudo gira em torno de "o lugar também é das mulheres" e não do "o lugar é das mulheres, mas a chegada é diferente". Essa perspectiva diferente sobre a representatividade é comumente omitida, podendo criar uma falsa expectativa de que tudo será flores e você vai facilmente conseguir qualquer coisa. Requer muita garra. E é importante falar disso. Você que é mulher, assim como eu, que enfrenta inúmeras dificuldades no processo de chegar até o seu tão almejado sonho e que passa por trancos

e barrancos que não imaginava: o problema não é seu, não é que você é menos do que as outras parecem ser, é que você não sabia que ia ter que lutar tão mais do que qualquer homem. A trajetória da mulher não é a mesma. Enquanto os homens simplesmente atravessam uma pista reta sem adversidade alguma, as mulheres enfrentam alguns obstáculos, tempestades e imprevistos — e o pior, isso é dado como normal.

Dentro da Poli infelizmente não é diferente. Mas você chegou até aqui e vai continuar com toda essa garra. Imagine como deve ter sido difícil pra primeira mulher na Poli, que se formou em 1928, 35 anos após a fundação da Escola. As coisas melhoraram um pouco, temos mais mulheres e mais representatividade. E temos

que continuar lutando pra que esse espaço continue a ser nosso e pra que o caminho melhore um pouco, pra nós e para as que vierem depois de nós.

Quando se é mulher, não exclusivamente em um espaço de engenharia, nada é só uma escolha, só uma decisão, tudo é mais um desafio e mais uma barreira — parece que o mundo não foi pensado pra nós, e, mesmo assim, continuamos invadindo todos os seus espaços e lutando pra ficar. Que no futuro a Engenharia seja um ambiente mais igualitário, com um mesmo caminho pra todos que quiserem segui-lo.

O Dia da Mulher na Engenharia surgiu com o propósito de continuar inspirando meninas a seguirem uma carreira em engenharia, para motivar cada vez

mais mulheres. Ainda há muitos obstáculos, mas com mais representatividade, melhor fica o espaço e vem uma maior participação feminina: um processo que se retroalimenta. Por um futuro em que o básico possa ser trivial e qualquer mulher possa sonhar com engenharia sem ter que se limitar por dificuldades e caminhos mais árduos, onde seja normal ouvir uma menina falar "Quando eu crescer, quero ser Engenheira" sem que seja motivo de preocupação. Pelo dia em que estudar na Escola Politécnica seja nosso direito como é de qualquer outro homem

Fernanda Quelho,
Engenharia Mecatrônica, 3º ano.

POLÍTICA

As manifestações do 19J e os desafios para derrotar Bolsonaro

Nossa saída é a mobilização permanente nas ruas

As dificuldades "Sobre quantidades" abalam até os estudantes da Escola Politécnica diante da grandeza que o número 81 adquire ao se tratar de emails ignorados para a compra de vacina. As 500 mil mortes, falta de vacina, tentativa de mudança na bula da cloroquina, aconselhamento paralelo na saúde e não intervenção no colapso de Manaus e todas as revelações que a CPI da COVID vem fazendo geram uma indignação que não pode se manter em si mesma. 400 mil mortes eram evitáveis, segundo o reitor da UFPel Pedro Curi Hallal atacado por Bolsonaro. A indignação por matarem milhares de nós diariamente precisa se expressar e as ruas é onde ela toma forma.

A Chacina do Jacarezinho e os cortes na educação foram o estopim para a retomada das ruas como instrumento de luta política. A partir disso, 29 de Maio foi consolidado como o primeiro grande dia de lutas pelo Fora Bolsonaro. Mais de 200 cidades por todo o Brasil tiveram atos e, em especial, em São Paulo ao menos sete bairros da Avenida Paulista foram ocupados.

O 19 de Junho, por sua vez, deu continuidade e consolidou a força dos atos contra o presidente, mais interiorizado, dessa vez com participação de mais de 400 cidades pelo Brasil e na Paulista 9 bairros foram ocupados.

Mas se tudo fosse exatamente igual e homogêneo, então a política não seria dinâmica e não teria tanta complexidade em suas disputas. O primeiro elemento a se notar é que as pesquisas de opinião apontam Bolsonaro com

sententes em peso nos atos do 29M,

Mas dada a força demonstrada, o movimento também arrastou as organizações petistas a aderir ao 19J, mesmo que parcialmente, sem puxar um "Fora Bolsonaro" e ainda marcando a próxima manifestação apenas para daqui a um mês, no dia 24 de Julho. Mesmo a mídia deu mais visibilidade ao 19J, com direito inclusive a matéria no Jornal Nacional, revelando que a elite brasileira tem suas divisões. Enquanto parte dos em-

"Bolsonaro sem bolsonarismo".

Mas o que leva milhares de pessoas às ruas é a necessidade imediata de tirar Bolsonaro do poder. Não há tempo que esperar, a cada dia milhares de pessoas estão morrendo por uma doença para qual já existe vacina. Mesmo que as eleições tirem Bolsonaro da presidência, os anseios fascistas e golpistas do bolsonarismo continuarão e só serão derrotados pela mobilização permanente do povo. O momento é agora enquanto Bolsonaro segue em crise com a queda do Salles e com a revelação na CPI do esquema de corrupção escandaloso do Governo na compra da Covaxin. Hoje já acontecem manifestações espontâneas e os setores mais vacilantes da esquerda se viram forçados a adiantar os atos. Temos que construir uma grande manifestação no dia 3 de Julho e seguir com um calendário de lutas: todos os sábados e no dia 13 de Julho em conjunto com a Greve dos Correios contra a privatização. Nosso papel enquanto juventude e estudantes é impor uma derrota ao Bolsonaro, assim como fizemos no Tsunami da Educação.

Victor Luccas,
Engenharia Elétrica, 2º ano.



o recorde de rejeição desde início do governo. Isso se reflete nas pesquisas eleitorais e, portanto, na aposta do PT de vencer as eleições e não no Impeachment. Não à toa Lula e o PT não convocaram e não estiveram pre-

presários ovacionam o genocida num jantar, muito contentes com seu governo de lucro recorde de bancos mesmo durante uma crise sanitária, outro setor já não está mais disposto a apoiar Bolsonaro na presidência e prefeririam um

Sobre quantidades

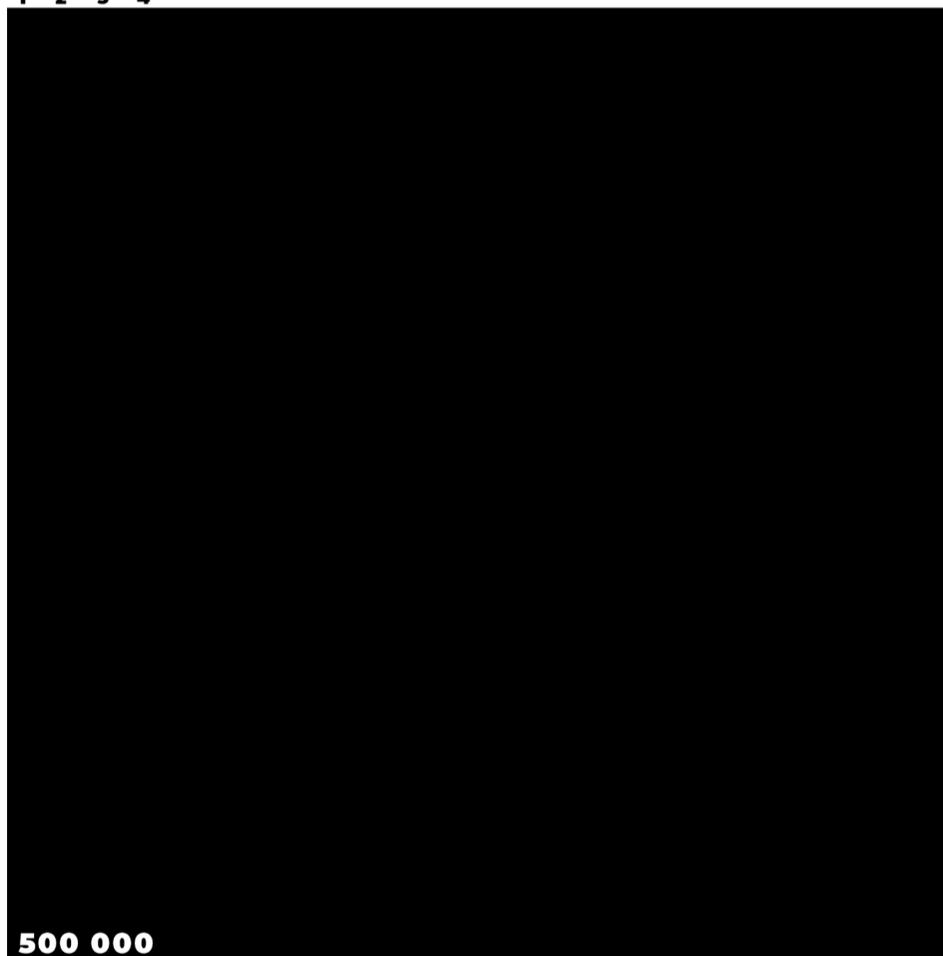
Quantas letras tem a palavra “O”? E “Jornal”? E “Politécnico”? A dificuldade de saber esse valor aumenta conforme o número de letras, certo? Mas perceba que você não contou quantas letras “O” tinha e já sabia que era só uma. Para “Jornal”, bem provavelmente também não houve contagem pra saber que eram seis, mas não foi tão imediato quanto na anterior. E, por fim, em “Politécnico”, aposto que você foi contar pra descobrir que eram onze. Aliás, contou como? Uma por uma sem se perder ou foi de 3 em 3, “pol/ité/cni/co”? Há uma diferença não linear entre o tempo que você toma para descobrir a quantidade de letras numa palavra quando ela tem menos de 4 letras e quando tem entre 4 e 6, sendo que essa discrepância aumenta ainda mais para quantidades maiores. Porém esse texto não tem nada a ver com letras.

O fenômeno que foi ilustrado acima é o de “subitizing”, não comumente traduzido, mas que seria algo como “subitização”, que remonta ao termo “súbito”, ou seja, referente àquilo que é repentino. Trata-se da percepção praticamente imediata, correta e confiante de quantidades menores ou iguais a 3 ou 4. Ou seja, ao ver, por exemplo, dois pontos, em frações de segundo você poderia afirmar que eram dois pontos (e de fato, eram) e estaria confiante dessa afirmação. Entre 4 e 6, ocorre outro tipo de subitização, em que agrupamos os objetos em grupos menores e somamos, inconscientemente. Acima disso, nós frequentemente separamos as quantias em grupos com até três itens para realizar a contagem de maneira mais simples — não é à toa que a gente usa pontinhos pra separar os números grandes.

Nós, humanos, somos o pináculo da evolução quando o assunto é fazer cálculos. Os primeiros parágrafos deste texto serviram para exemplificar como somos bons em lidar com dimensões pequenas, percebemo-nas de imediato. No entanto, para valores maiores, não é bem assim que funciona. Descobri isso no ensino médio, na aula de um professor desses

que não se restringe ao conteúdo da matéria e permite ver a beleza por trás daquilo que estamos calculando. Enquanto ele obtinha algumas distâncias astronômicas (raio da Terra, distância Terra-Lua, distância Terra-Sol, por aí vai), terminou um dos cálculos de Eratóstenes e constatou, para meu espanto, que aqueles números não lhe faziam sentido. Sabia trabalhar com eles, mas não os compreendia perfeitamente. Isso porque, para a seleção natural, saber dimensões pequenas já bastava. “De cabeça” e em segundos, um humano é capaz de olhar para um rio, determinar a distância que ele precisaria correr, a velocidade que deveria alcançar, a magnitude e direção do impul-

1 · 2 · 3 · 4 ·



so aplicado por seus pés contra o solo e executar perfeitamente esse movimento. Porém um humano nunca poderia percorrer nada parecido com a distância da Terra ao Sol. Foge do nosso entendimento.

Apesar disso, como alunos de uma escola de engenharia, a gente luta contra essa limitação o tempo todo. Aprendemos mais e mais como calcular, obter e lidar com grandezas. Por detrás da tela

desse computador, trabalhei com coeficientes em gigapascal, que é 1.000.000.000 pascal, num armazenamento de 1 terabyte, ou seja, 1.000.000.000.000 bytes. Para mim, as duas escalas são “bastante” e essa diferença de 3 zeros a mais eu não sei o que quer dizer. Talvez por causa dessa normalização de números gigantes, a gente esteja se perdendo um pouco. Parece que a gente entende muito sobre potências de dez e valores astronômicos e esquecemos que, por vezes, há um sentido não tão óbvio por trás desses valores.

Quando vi que o Brasil atingiu a marca de 500.000 mortos por COVID-19, inebriado pelas noções matemáticas que nos rodeiam, estabeleci relações com outros

são tantos que a mente humana pifa; mas a mente do engenheiro, esta, arrogante, tenta quantificar isso para compreender melhor. Do início da pandemia pra cá, foram 480 dias, ou seja, a média é de mais de 1.000 mortos por dia no Brasil: em uma semana, temos a soma de alunos, funcionários e professores da Poli. O total ultrapassa a subprefeitura do Butantã. E o pior, sem dúvidas, é que isso tudo não se trata de números: são pessoas, famílias e vidas desgraçadas — e os sentimentos são imensuráveis. São neles que a gente encontra os amigos e familiares perdidos (e não no “quinhentos mil”).

Volto pra contagem. Quão imensa é a diferença entre 6.661 e 1.324.523 motos? Os dois valores possuem algo em comum: são maiores que 4, então nossa mente não conta de maneira imediata. Sobram dois caminhos, contar no dedo ou contar esperto — honremos a graduação e vamos contar esperto. Por um código de Python que um aluno de MAC2166 pode entender, é fácil chegar em 6.661 motos na “motociata” da semana passada. Que algumas pessoas tenham acreditado na mentira de 1,3 milhão é, claro, outra evidência de que a gente não lida bem com grandes quantidades. Ou ainda, um sinal ainda mais claro de que aqueles 30% (outro valor que é muito alto) são muito piores em estimar quantidades. Ou um indício de que só mentem.

Por fim, tem valores que podemos contar, que são palpáveis e, ainda assim, podem ser excessivos. 560 dias até 2023 é palpável e coerente com o que sei de calendário. 560 dias até o fim desse governo é além da conta. Por um mês a gente passa, a gente aguenta. Um mês a menos com vacinas foi tempo demais. 81 é ok, eu aprendi na tabuada, mas 81 e-mails sem resposta foi proposital demais. O que sinto não é “só” sobre os 500.000, mas também sobre os que perdi: não são números a mais, são dores.

Arthur Belvel Fernandes,
Engenharia Mecânica, 2º ano.



FALA, PROFESSOR

Em memória de Shigueru Nagao Jr

Meu nome é Eduardo Lorenzetti Pellini. Este é um relato sob o meu ponto de vista, no papel de um observador, que teve o privilégio de acompanhar a trajetória profissional e pessoal de um brasileiro, um engenheiro, um professor, um amigo, em quem depositava altas esperanças e votos de prosperidade e vida longa.

No dia 18/05/2021, perdi Shigueru Nagao Junior, meu orientado de doutorado na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, e também um querido, amado e competente pai, filho e esposo. Faleceu por complicações da COVID-19.

Em meio a mais de 430 mil vidas perdidas no país, Shigueru, assim como todas estas demais almas, jamais foi ou será um simples número ou uma estatística, de alguma tragédia ou acidente inevitável, mas sim uma vítima da falta de seriedade e de governança em nosso país.

Conheci Shigueru a pouco mais de 9 anos. Sua entrada na EPUSP como estudante de pós-graduação foi quase simultânea à minha admissão como professor desta Escola. Mais velho do que eu por alguns anos, nos conhecemos de forma casual, quando ele me pediu referências para estudar tópicos de Sistemas de Potência, pois pretendia fazer sua pós-graduação nesta área em nossa Escola. Ele tinha uma excelente formação em microeletrônica e sistemas embarcados, mas estava encantado pelas oportunidades profissionais do setor de energia elétrica. E queria aprender mais, e melhor, sobre a área de pesquisas e desenvolvimento deste setor.

Na ocasião, descobri que ele foi Politécnico, entre 1989 e 94. Entretanto, ele teve de interromper sua graduação na EPUSP, em seu último ano, para auxiliar sua família, de Batatais, interior do Estado de São Paulo, quando seu pai foi acometido por um infarto. O infarto não foi fatal, mas Shigueru Jr., como filho único, voltou

para sua cidade para trabalhar e ajudar sua família. Por suas competências, trabalhou em diversas áreas como técnico, no Brasil e no exterior, em empresas da área de automação industrial e telefonia celular, durante o boom das telecomunicações. Tornou-se pai e, apenas em 2009 teve a oportunidade de terminar sua graduação em engenharia, em outra Universidade. Sempre teve ambições por lecionar e dar aulas, e isso o fez voltar para sua Escola, para desenvolver pesquisas, desenvolver e conquistar um mestrado. O privilégio de sua orientação na pós-graduação ficou comigo, mas compartilhei esta oportunidade com um grande colega professor, Josemir C. Santos, de meu no Departamento, que também tinha absoluta fé nas competências de Shigueru.

Pela pouca diferença de idade, nos reconhecemos imediatamente pelos gostos comuns da cultura pop e "nerd" (de Star Wars até os Transformers), passando também pelo (incompreensível) vício por programação de computadores e pelo projeto de sistemas eletrônicos embarcados. Era um enorme prazer desfrutar horas de conversas com ele sobre eletrônica digital, analógica, programação e sobre nossos idolatrados personagens na ficção científica.

Com maturidade e experiências de uma vida profissional intensa, não foi difícil que seus estudos e pesquisas decolassem. Em alguns meses já estava trabalhando na área de sensores a fibra óptica, com proficiência e propriedade sobre os assuntos, conseguindo participar de forma determinante nos projetos de desenvolvimento e inovação do Departamento de Energia e Automação, e em consultorias para empresas da iniciativa privada na área aeroespacial. Criava hardware, software, algoritmos, experimentos e produtos. Seu mestrado foi um primor de organização, com uma dissertação elaborada nos últimos detalhes, com um capricho que iden-

tificava claramente tudo aquilo que Shigueru fazia. Divulgou seu trabalho no exterior. Por isso, ganhou prêmio de melhor trabalho e apresentação em congresso internacional. Demonstrava, orgulhosamente, ser Politécnico, Brasileiro e patriota. Recentemente teve duas patentes depositadas e preparava seu doutorado inovador para a área de fotônica, que teria impacto relevante para o setor de energia e de sistemas inerciais brasileiro.

Na academia, já ao final de seu mestrado, leciona em Universidades, e multiplicava suas capacidades e habilidades, projetando seu modo de trabalho, de estudo e sua índole, para inúmeros pupilos e aprendizes. Não foi surpresa quando notei que sua rede de amizades (dentro e fora da Escola) refletia justamente seu jeito solidário e atencioso com o próximo. Ajudava alunos de graduação, pós-graduação, professores e engenheiros seniores de empresas. Não havia tempo feio, não havia tarefa impossível, ele demonstrava coragem, ousadia e responsabilidade, em auxiliar quem precisasse, para ir adiante.

Na área de ensino, orientava projetos multidisciplinares, envolvendo desde automação industrial, alimentícia, até o primeiro projeto de um CubeSat de uma faculdade paulista num concurso brasileiro. Gostava de inovar e integrar tecnologia em suas aulas e cursos, e fazia tudo isso com uma organização invejável e inspiradora. Muito bondoso e simpático, ele também sabia ser sincero e crítico quando se deparava com o descaso, com a preguiça ou com o desprezo à ciência e às boas práticas da engenharia. Nesse papel, ele me lembrava muito o personagem do Sr. Miyagi, com lições surpreendentes, mas com austeridade na cobrança de resultados. Talvez a melhor imagem que tenho dele nos personagens que gostamos era do Mestre Yoda. Isto tanto é verdade, que a imagem do Yoda era seu avatar nos

aplicativos de conversas. Neste contexto, preciso admitir que, no papel orientado/orientador, eu não sabia quem aprendia mais com quem.

Sua heroica determinação em ser engenheiro e professor era ainda amplificada pelas suas qualidades pessoais. Era um excelente amigo, infinitamente paciente, e sabia ouvir e escutar. Ele parecia inocente em suas palavras, mas isso fazia parte de sua mais elegante educação e respeito. Sua ampla coleção de amigos e colegas (Raul, Gleison, Juliano, ...) era prova dessas habilidades. Ele sabia opinar e dar conselhos com experiência e sabedoria. Sabia discutir, argumentar e também reconhecer seus próprios erros, com um apurado senso de justiça. Estas são as qualidades dos líderes que precisamos. Todas estavam presentes em Shigueru. E ele executava esse papel com nobreza e caráter. Neste contexto, Shigueru me lembrava muito o personagem de Optimus Prime, outro de nossos ícones da ficção. Shigueru gostava de se envolver, de se comunicar, tanto que realizou recentemente o papel de representação discente dos alunos de pós-graduação, de toda a Escola, junto aos nossos órgãos colegiados e junto às representações do Grêmio e do Centrinho, que saudosamente o aplaudem.

Surpreendentemente, todas estas qualidades e tarefas mencionadas ainda eram feitas junto da criação e educação de seu filho, Alan Gabriel, que Shigueru fazia com prazer, carinho e atenção. Quantas vezes presenciei ele falando com seu "Fi", por telefone, computador, qualquer que fosse a distância ou a hora do dia. E como outras realizações de Shigueru, não é preciso ver muito para reconhecer que seu filho é sua maior criação, uma cópia ainda mais refinada de seus valores e de sua coragem, num rapaz inteligente, competente e com um enorme potencial. Entretanto, tudo isso não foi feito sem ajuda. Shigueru

Continua na próxima página >>>

FALA, PROFESSOR

tinha ao seu lado mãe, pai, avó e, mais recentemente, uma nova companheira, Kalliny, que o auxiliava e motivava a seguir em frente, sem cansar, sem desistir.

Shigueru tinha o coração maior e mais forte que jamais vi. Com coragem e fé, passou por dores e desgastes dos mais variados. Perdeu seu pai em Outubro de 2020 por complicações de uma cirurgia, e sua avó em Abril de 2021. Ele se cuidava e cuidava dos outros, mas, em maio de 2021, foi acometido pelo COVID. Na medida do pos-

sível, estava evoluindo bem, com sua esposa e filho em São Paulo, dando aulas remotas, desenvolvendo seu trabalho de doutorado, cuidando de seus queridos, mesmo à distância. Entretanto, numa fatídica terça, nosso herói cai por um mal súbito, uma complicação dessa terrível doença.

Hoje eu, Eduardo Lorenzetti Pellini, como orientador ou orientado de Shigueru Nagao Junior, presto minha homenagem à sua história e à sua existência. Eu testemunhei sua coragem, seus fei-

tos, criações, e virtudes. Declaro que todas estas qualidades fazem de Shigueru uma pessoa única, insubstituível, pela qual guardo imensa saudade. Tenho certeza que ele agora está junto da Força, do Divino, e que continua a guardar e iluminar o caminho das pessoas que lhes são queridas. E a elas, deixo minhas condolências e todo meu apoio, como para seu filho.

Alan, veja a trajetória de seu pai, e acredite naquilo que ele via em você. Confie e transforme seus so-

nhos em realidade.

E Shigueru, olhai por nós. Até todos serem um!

Eduardo Lorenzetti Pellini,
Professor do PEA.

Nota do editor: "Morte parte natural da vida é. Alegre-se por aqueles ao seu redor que na Força se transformam".

Shigueru fica eternizado na memória com o momento de felicidade que teve comigo quando soube que iria apresentar na EXPO PG.

ARTE E CULTURA

O Politécnico viu: A Garota Dinamarquesa

Baseado no romance de David Ebershoff, o filme *A Garota Dinamarquesa* (2015) é uma ficção baseada na história real de um casal de pintoras, Lili Elbe e Gerda Wegener. A obra se passa na década de 20, na Dinamarca e tem seu início quando Gerda pede ao marido para que pose para uma de suas telas vestido com roupas femininas, sendo este o estopim para Einar Mogens Wegener começar a trajetória para o entendimento de seu gênero. Assim, no

Muito embora o filme seja bem dirigido e filmado, com um roteiro que permite o desenvolvimento das personagens adequadamente, a trama não prende. Somos entregues a uma história repleta de repetições, enquanto pontos importantes da história de Lili são pouco abordados ou ignorados. O filme consegue captar a total atenção de quem assiste apenas na última meia hora, quando Einar deixa de existir de vez. Porém

ganhou naquele ano — é um ótimo filme e que representa, posto que imprecisamente, a história de uma mulher trans cuja luta tentou-se esconder. A cumplicidade entre as duas garotas dinamarquesas do filme é o ponto alto do filme, deixando todas as cenas em que elas contracenam as mais instigantes.

Nota: 8

Arthur Belvel,
Engenharia Mecânica, 2º ano.

Algo que chamou a atenção é o começo que apresenta como uma "brincadeira" entre Gerda, Einar com a Lili, como se fosse um personagem cômico criado pelo casal, mas, com o passar do tempo, com o passar do tempo temos diversamente conflitos, como da Lili descobrindo sal sexualidade e da Gerda presa ainda a figura de Einar e do casamento.

Outro ponto é o preconceito da sociedade em diversos níveis, dê das reações de desprezo de pessoas até a visão do cientista que o problema fosse hormonal, muito disso é apresentada de forma sutil e natural, e, mesmo com o desenvolvimento da sociedade, muitos disso é ainda presente nos dias de hoje.

O principal problema do filme, na minha opinião, é certas cenas que não são apresentadas e poderiam agregar mais ao filme, exemplo disso é a Gerda que, mesmo com o desenvolvimento da personagem, o desejo de manter a relação como casal pareceu pouco forçado, pois, como dito no início, já é representado esta relação no tom cômico, talvez se iniciasse mostrando o início como casal de forma rápida.

Termino me perguntando se seria melhor mais tempo, uns 30 minutos, para desenvolver mais pequenos pontos ou ficaria muito pesado para o público.

Nota: 8

Roberto Ortega,
Engenharia Civil, 4º ano.

Nota: 8,8

Maikon Semelewicy,
Engenharia Civil, 4º ano.



decorrer do filme nos é mostrada a transição de Einar para a sua verdadeira identidade, Lili Elbe, além das mudanças em seu casamento com Gerda. Desse modo, *A Garota Dinamarquesa* retrata, de forma adaptada, a história de uma das primeiras pessoas transgêneras que se tem relato a se submeter a cirurgia de redesignação sexual.

é importante ressaltar que Tom Hooper preenche o filme de cenas singelas de compreensão não tão imediata (como o incômodo que Einar/Lili sente quando Gerda está cortando cenoura) o que causa uma atenção redobrada para não perder os detalhes.

Ainda assim, *A Garota Dinamarquesa*, talvez por seu elenco tão bom — os dois atores dos papéis principais, Eddie Redmayne (Lili) e Alicia Vikander (Gerda), foram indicados ao óscar e Alicia

Verônica Emerick,
Engenharia Mecânica, 2º ano.



ARTE E CULTURA

O Politécnico viu

Koe no Katachi

Koe no Katachi, ou “A voz do silêncio” como ficou conhecido no Brasil, é uma adaptação para filme da Kyoto Animation do mangá de mesmo nome. A história acompanha o jovem Ishida Shoya, um jovem solitário que, após tentar cometer suicídio, se reencontra com Nishimiya Shoko, uma jovem tímida, que possui deficiência auditiva e, no 6º ano do primário (o que equivale ao 7º ano do fundamental no Brasil), foi alvo de bullying por Ishida e seus amigos.

Algo comum no mundo da animação é se utilizar de elementos fantasiosos e/ou sobrenaturais para retratar aspectos da nossa sociedade, independente do público-alvo, mas este filme se utiliza, principalmente, de uma história e situações que são plausíveis e realistas para transmitir o que está ocorrendo, exemplo disso é a cena em que Ishida se reencontra com Shoko, onde, vendo a partir da visão do protagonista, se nota o nervosismo dela com a situação.

Qual seria o silêncio que até está no título? “É da Nishimiya, devido suas condições”, talvez seja a resposta mais natural, mas, ao longo da história, é mostrado que existem conflitos e sentimentos que são reprimidos pelo grupo, que acabam explodindo no final. O principal ponto que incomodou é o desenvolvimento de alguns personagens secundários, como da Sahara, não sei se no mangá é assim ou existem cenas cortadas para o filme.

Nota: 8,5

Maikon Semelewicy,
Engenharia Civil, 4º ano.

Ao explorar um rico universo psicológico dos personagens, Koe no Katachi consegue prender, provocar e acima de tudo emocionar o espectador. O maior ouro da animação é a profundidade emocional de todos os personagens, não os exacerbando nem para o bem nem para o mal. Todas as motivações são compreensíveis, o que faz com que nos identifiquemos ao menos um pouco com cada personalidade.

Ao decorrer da narrativa, o título, que pode ser traduzido para a sinestesia “A Forma da voz”, assume diversos significados. Acredito que entre eles o mais simbólico é que “voz” é uma metáfora para a mensagem, e a verdadeira mensagem trazida em forma de animação é a de respeitar e admirar todo o infinito emocional que permeia os indivíduos.

Nota: 8

Rafael Varanda,
Engenharia Mecatrônica, 1º ano.

O filme pode ser dividido em fase de prática de bullying e fase de lidar com as consequências do bullying, a primeira parte (na qual resolvi me focar) nos mostra uma agressividade crescente do grupo de “brincalhões”, que no começo faziam piadas entre si, após um tempo já estavam tirando o aparelho auditivo da garota surda da sala e o arremessando pela janela, o professor via algumas das agressões, por coincidência sempre as realizadas pelo Shoya (protagonista da obra) durante as aulas, quando a mãe da Shoko percebe o que está acontecendo ela liga para a escola e o professor apresenta Shoya como o culpado, o que acaba tornando o garoto o novo alvo das agressões.

Diversos aspectos me chamaram atenção nesta parte quando reviso este filme, a forma como as agressões foram se intensificando gradativamente foi muito interessante, era como se lentamente atacar a Shoko de maneiras mais e mais agressivas foram sendo aceitas pelo grupo, o professor mesmo vendo algumas atitudes horríveis não toma nenhuma atitude para ensinar os alunos que o que estavam fazendo é errado, “A voz do silêncio” é uma obra que te permite refletir não apenas sobre as consequências do bullying para a vítima, para o agressor arrependido, mas também permite analisar mais a fundo todo o bullying em si se prestar atenção o suficiente, um filme espetacular.

Nota: 9,5

Thomás MASG,
Engenharia Elétrica, 4º ano.

Texto completo disponível no site!

Kung Fu Panda

Num primeiro momento você pode acreditar que Kung Fu Panda é só mais um filme de animação facilmente esquecido. Te digo que não, Kung Fu Panda é um dos melhores filmes de animação já feitos, com um ótimo roteiro, alta qualidade, piadas certeiras e uma baita mensagem. Po, um panda desajeitado e deslocado, percorre a clássica jornada do herói. Superando seus medos, se descobrindo e se tornando a chave para salvar a China de uma ameaça (ele bem que podia ajudar a gente nesse momento).

Através de um cenário de artes marciais, Po é designado para ser o Dragão Guerreiro, cargo que, aparentemente, não condiz com ele. Todavia, é sendo ele mesmo, com suas qualidades e principalmente seus defeitos, que ele consegue arrumar forças para ajudar seus amigos e familiares. Kung Fu Panda é um clássico da animação que merece ser visto e apreciado.

PS: As cenas de Po com seu pai pato, Sr Ping, são hilárias e cheias de emoção. Além disso, as cenas com o mestre Shifu quase sempre são puros ensinamentos e poesia.

Nota: 9

Roberto Ortega,
Engenharia Civil, 4º ano.

Dizem-nos para nunca conhecermos os nossos heróis. Ou, melhor ainda, nunca revisitarmos desenhos antigos da infância.

Esse filme (e o desenho que, convenhamos, era a melhor parte da finada TV Globinho), sempre foi um dos grandes clássicos. O roteiro não escapa do padrão, também: um personagem subestimado provando ser capaz de fazer o que nunca fez; todos sendo incrédulos sobre suas habilidades; um bocado de frases filosóficas; e claro, como não poderia faltar, o personagem triunfando sobre todos os seus inimigos no final.

Mas o que realmente me chamou a atenção foi a trajetória interna do Po: a maneira que ele continua insistindo, mesmo que todos queriam que fosse embora, pois acreditava que seria capaz de melhorar o que era. Seu bom humor e “show de bolice” escondiam sua falta de confiança interna e a vontade de provar-se.

E, claro, não faltaria o clichê-mor: “não existe ingrediente secreto”. Sim, ouvimos isso dezenas de vezes por dia, desde nas mídias sociais até os desenhos infantis mais padrões. Porém, a questão que levanto é a mesma que me ocorreu em uma madrugada de domingo: realmente não acreditamos na existência do ingrediente secreto?

Caso fossemos destinados a ser o Dragão Guerreiro e olhássemos para aquele pergaminho dourado, veríamos todo o nosso potencial ou todas as nossas falhas?

Nota: 9 (em nome dos velhos tempos da infância e da TV Globinho)

Samira Paulino,
Engenharia de Materiais, 2º ano.

O filme, dado como infantil, acaba trazendo lados muito poéticos como mensagem e acho que esse é um dos pontos mais interessantes de rever filmes infantis quando mais “velha”, mas isso é tema de outro momento. Sobre toda a trama de kung fu o que chama atenção é como as características do personagem principal são abraçadas pela sua designação para Dragão Guerreiro, apesar de num primeiro momento parecer mais um choque para Po.

Ninguém espera, nem ele mesmo, que Po, desengonçado e sem muitas habilidades em artes marciais teria essa missão. Um ponto interessante nessa história é também a construção da sua confiança com relação à luta, que vem da descoberta sobre na verdade “Não ter ingrediente secreto”.

Acho que momentos de assumir grandes responsabilidades são acompanhados por insegurança e ele ter abraçado o “Não ter ingrediente secreto” foi um grande potencializador de sua jornada. Ele entende que suas características (e não as mudanças delas) o tornam o Dragão Guerreiro e essa é uma mensagem muito marcante para mim do filme. Que a gente saiba abraçar nossas designações e os “Não tem ingrediente secreto” desses momentos!

Nota: 9

Beatriz Bicudo,
Engenharia Elétrica, 3º ano.

Texto completo disponível no site!

ARTE E CULTURA

O Politécnico viu: They Live

They Live (Aos patriotas, Eles Vivem) é um filme de ação e ficção científica lançado em 1988. Com seu modesto orçamento de 3 milhões de dólares e direção de John Carpenter (ele mesmo, o diretor de Halloween!), o clássico cult acompanha a trajetória de John Nada, interpretado por Roddy Piper (sim, fã de luta livre, o lutador dos anos 80), em sua tentativa de começar uma vida nova em Los Angeles. Após eventos que impedem que sua nova jornada seja considerada normal, John encontra um curioso par de óculos escuros que o permite enxergar, embora com ausência de cor, a forma real de algumas pessoas e mensagens subliminares nos mais diversos anúncios.

Apesar da aparência semelhante a outros filmes do gênero, o longa se difere por seu teor filosófico e provoca reflexões no telespectador.

Quando penso em They Live, gosto de comparar o filme a uma redação de simulado de vestibular no ensino médio. Muito específico? Sim, mas permita-me ex-

plicar.

A não ser que você tenha viajado no tempo e aproveitado para ter aulas de dissertação com Ruy Barbosa, suas primeiras redações não foram perfeitas. Lembro muito bem de um padrão nos meus textos entre o primeiro e o segundo ano do ensino médio. A introdução é grande, épica, cheia de referências e jogos de palavras. 10 linhas de muita elaboração para chegar a uma ideia sobre o tema. Começa então o desenvolvimento do texto: o segundo parágrafo (D1 para os vestibulandos) é a chance para discorrer quase tudo o que a introdução me levou a pensar, totalizando então 8 linhas. O D2 é naturalmente mais fraco: tem conteúdo, mas muito menos do que os parágrafos anteriores. Enrolando um pouco mais, é possível terminar com 7 linhas. O tempo está acabando, mas ainda falta a conclusão. E você só tem mais 5 linhas! Solução? Conclui o texto com algo não muito elaborado, você já gastou todo o conteúdo.

Essa retrospectiva combina muito com a minha visão sobre They Live. Seu início facilmente provoca o pensamento: carinha

de cult! A dinâmica de classes e a semelhança com o Mito da Caverna de Platão sugeridas em momentos como a icônica frase “They live, we sleep” deixa qualquer pseudo-cinéfilo (incluindo quem vos escreve) animado com o que há de vir. Mas depois que toda essa filosofia é apresentada, a criatividade das mentes por trás da obra parece diminuir, e para não deixar o filme com apenas 1 hora de duração o modelo genérico de filmes de ação dos anos 80 é acrescentado na fórmula. A conclusão da história não é ruim, mas é corrida, como se só sobrassem 5 linhas no script.

Então, o filme é ruim? Não! Ele por pouco não é incrível. Seu problema é muito potencial gasto de forma curta. They Live, não é perfeito, mas é um ótimo cult para assistir com seus amigos, refletir e rir um pouco dos furos.

Nota: 7,5
Murilo Noronha,
Engenharia de Produção, 1º ano.

Como explicar They Live? Imagine que ao sair do banho você

teve uma ideia (que você julga fantástica para algum projeto. Por alguns instantes, você tem certeza, que isso era o que faltava para o mundo caminhar, graças aos 5 minutos de água desperdiçados num banho excessivamente longo você salvará toda a espécie humana (e o planeta, se bobear).

Pessoas normais logo perceberiam o delírio e voltariam a viver suas vidas monótonas, mas não a equipe de They Live. O diretor, num lapso de inspiração adolescente, decidiu fazer um filme de ação diferente dos demais filmes de ação. Iria transmitir não só socos e chutes, mas também consciência social.

Acredito que o filme funciona como uma espécie de Cavalo de Troia. A equipe se infiltrou nos sets hollywoodianos para gravar uma crítica ao próprio sistema capitalista (e lucrar um pouco com isso, porque afinal, ninguém é de ferro). Nunca imaginei que alguém conseguiria relacionar o mito da caverna de Platão com uma cena de ação mal coreografada, mas esse filme fez isso e muito mais, e toda essa dualidade é o que o torna tão especial!



Continua na próxima página >>>



ARTE E CULTURA

They Live é um sonho, uma lição de esperança. Talvez o verdadeiro significado do título “Eles vivem” tenha mais a ver com a equipe de direção do que com o próprio enredo do filme. Afinal, se levar um roteiro completamente esquizofrênico com uma quantidade pornográfica de furos para produzir um filme nos maiores centros de cinema do mundo não é “viver”, eu não sei o que é.

Nota: 8,5

Rafael Varanda,

Engenharia Mecatrônica, 1º ano.

They Live é muito conhecido por sua mensagem. É comum, inclusive, encontrar quem defenda a qualidade do longa com base na reflexão proposta por ele, o que não deixa de ser curioso, uma vez que ela, por si só, não é capaz de tal feito. Para um e-mail, uma boa mensagem basta. Para uma crítica de jornal, talvez, ela também seja suficiente. Para um filme, não. É preciso muito mais.

Não me leve a mal, é claro que a mensagem de um filme é importante, mas é muito comum se deparar com ótimas mensagens em obras horrorosas (e vice-versa). Sendo assim, They Live não seria tão bom caso não possuísse outros elementos tão bem construídos. A começar por sua trilha sonora, marcante e original, que dita o ritmo do filme, ajudando-o a contar sua história e a imergir o espectador no universo da obra. Há, também, o ótimo roteiro, o qual conta com cenas e frases memoráveis, como “I have come here to chew bubblegum and kick ass. And I’m all out of bubblegum” (tradução: surreal de tão bom).

Como se não bastasse, They Live é visualmente espetacular, sendo capaz de manter a atenção do espectador mesmo nas cenas que utilizam efeitos especiais datados. Além disso, a narrativa é construída de tal maneira que a impressão transmitida é que não haveria como contar outra história que não essa.

Por fim, há, claro, a mensagem, explicitamente poderosa, ain-

da que haja metáforas e metalinguagens no subtexto da obra, garantindo ao espectador a possibilidade de encontrar novos significados a cada sessão. Note que a mensagem é, sim, valiosa, mas se trata apenas da cereja do bolo, e não dele inteiro.

Resumindo: They Live é um filme. Se você nunca o viu, pare tudo o que está fazendo e vá assistir. Se você já o viu, pare tudo o que está fazendo e vá assistir.

É sério.

Obedeça.

Nota: 8,5

Mateus Pina,

Engenharia Mecatrônica, 1º ano.

De uma premissa intrigante a um final genérico de ação, este filme consegue facilmente chamar a sua atenção e com cenas iniciais bem dirigidas, como é a cena da polícia invadindo o local ou as transmissões da televisão do grupo de resistência, mas, ao estilo DeMonaco, parece apostar em uma ação totalmente desnecessária e fraca. Não conheço sobre os bastidores, mas parece muito interferência para tentar agradar ao público estadunidense e tentar lucrar mais e, se for verdade, é muito irônico a situação!

Outro ponto positivo é a sua trilha sonora que consegue passar o clima da cena, com músicas que ao ouvir remete muito aos anos 80. Já a atuação é aquela coisa, nem fede nem cheira, mesmo com personagens genéricos e estereotipados, isso pode incomodar algumas pessoas.

No fim acho, no geral, um filme decepcionante e que falha para os diferentes propósitos, na questão de criticar o controle do capitalismo não é devidamente explorada e, mais para o final do filme, quase que totalmente ignorada, já como um filme de entretenimento e pancadaria é totalmente genérica e previsível e, na minha opinião, existem opções melhores para ambos os casos.

Nota: 3,7

Maikon Yukio,

Engenharia Civil, 4º ano.

Os primeiros resultados relacionados ao filme They Live na pesquisa do Google (após a página da Wikipédia, claro), são artigos de opinião dissertando sobre como o filme é uma ótima crítica à sociedade atual, e como é importante a profunda mensagem de que somos manipulados pelo dinheiro e pelas propagandas. É decepcionante então, para mim que vejo o filme em 2021, que toda essa crítica se resume a dizer que as propagandas tem o objetivo de manipular você a consumir certo produto, ou que o dinheiro controla grande parte da nossa vida. Isso já não é surpresa nenhuma e não tem nada de muito profundo, de forma que assistir o filme pela trilha sonora, ação, aliens e efeitos especiais antigos valeu muito mais a pena do que por esse status cult de reflexão sobre a sociedade do consumo.

Não sei qual o impacto dessas críticas em 1988, ano de lançamento do filme, em que talvez dizer essas coisas nos Estados Unidos da América fosse realmente novidade. Mas outra reflexão, mais interessante para o contexto atual do que a ressaltada pelos artigos do Google, seja pensar sobre a reação daqueles que descobrem os planos dos alienígenas, e o que está em jogo para cada um deles. Há quem se preocupe com a sua segurança, ou a de seus amigos e familiares e por isso decide se abster, há quem ache que “se isso já acontece independente de mim, é melhor que pelo menos eu me beneficie de algum modo da situação”, e por fim, há quem trabalha para a manutenção do esquema, e prefere manter sua posição a arriscar viver sem ela. Creio que situações como essa, em que nos vemos em posição de tomar decisões importantes e pesar como nossos valores conflitam com as alternativas possíveis são muito comuns, e sempre difíceis de lidar com.

Se você decidir assistir They Live com o propósito de retirar reflexões dele, tente reparar mais nos caminhos individuais dos personagens do que nas críticas à sociedade, embora ainda acho

que o filme não deve ser encarado com toda essa seriedade e profundidade que algumas pessoas tentam atribuir a ele.

Nota: 5

Beatriz Toscano,

Engenharia Ambiental, 1º ano.

They Live é um filme, antes de tudo, sem foco. Passando por momentos de epifania, ação, romance e comédia, a impressão que fica é que em todos esses aspectos o filme nada no raso, principalmente nos aspectos que diferenciam o filme de produções comuns da época. Quando o protagonista veste o óculos temos um “momento 1984” (o que me deixou um tanto “nhe”, por não aguentar mais referências a esse livro), mas que acabara rapidamente para dar espaço à narrativa principal dos aliens. Na parte de ação, temos mais do mesmo e eu gosto dessa porradaria generalizada. O romance, ainda que traga a Meg Foster, é dos mais mal feitos que já vi e caminha para um fim óbvio. Já a comédia acaba salvando o filme em diversos momentos.

Apesar desses grandes problemas, não é um filme vazio. Na verdade, They Live traz ótimos pontos que, por muitas vezes, ficam à tona por minutos na tela. Como logo no começo, que temos a ação da polícia truculenta para desocupar uma propriedade e, no fim, uma polícia que “vem para matar”, a serviço das pessoas “especiais”. Além desse aspecto, temos uma cena que apresenta, quase que literalmente, alguém lutando para “se manter na caverna”: nada de comer bife ao invés de gororoba, aqui é porradaria pura por 10 minutos. Já nos últimos minutos de filme, outra verdade à tona no filme é: o chefe vai se vender para o sistema, mas os operários não se vendem. Por fim, o protagonista morre por ser gado (ou dá a vida pela causa, entenda como quiser).

Nota: 7

Arthur Belvel,

Engenharia Mecânica, 2º ano.

ARTE E CULTURA

Sempre alguém

Olho pro lado e sempre tem
Aquele mais inesperado alguém
Muito melhor que eu
Que me leva de volta ao breu

O breu da insuficiência
De saber que, nem tentando
Quando acho ter alguma proficiência
Consigo suprir aquele tanto

Mas tem sempre alguém
Aquele alguém que tem tudo
Que falta e faz transbordar em outros

Não adianta nem ir além
Agora sei que cabe apenas ao futuro
Me gerar ainda mais desencontros

Ananda Cruz (pseudônimo)

Encontro

Mais uma vez!
Perdido na escuridão
Sentado naquele frio chão
Meu corpo se desfez.

Naquela solitária noite
Duas sombras se aproximavam
E, de repente, aquela neve quente
Me acolhia gentilmente!

Duas garotas se aproximavam
"Quem está vindo?"
Minha mente buscava a reação!
Meu coração já aceitava a situação,
E meu corpo totalmente paralisado.

Naquela noite de lua cheia
Via uma bela Rainha!
Que sua cordialidade me levava
Ao seu belo País que já tantos
buscavam.

Naquela noite estrelada
Encontrava a mais pura
E mais afiada dos Lírios
Que sempre é admirada e cruel.

Naquela noite de neve
Rapidamente conversamos
E caminhamos
Deixando o antigo eu.

Nokia (pseudônimo)

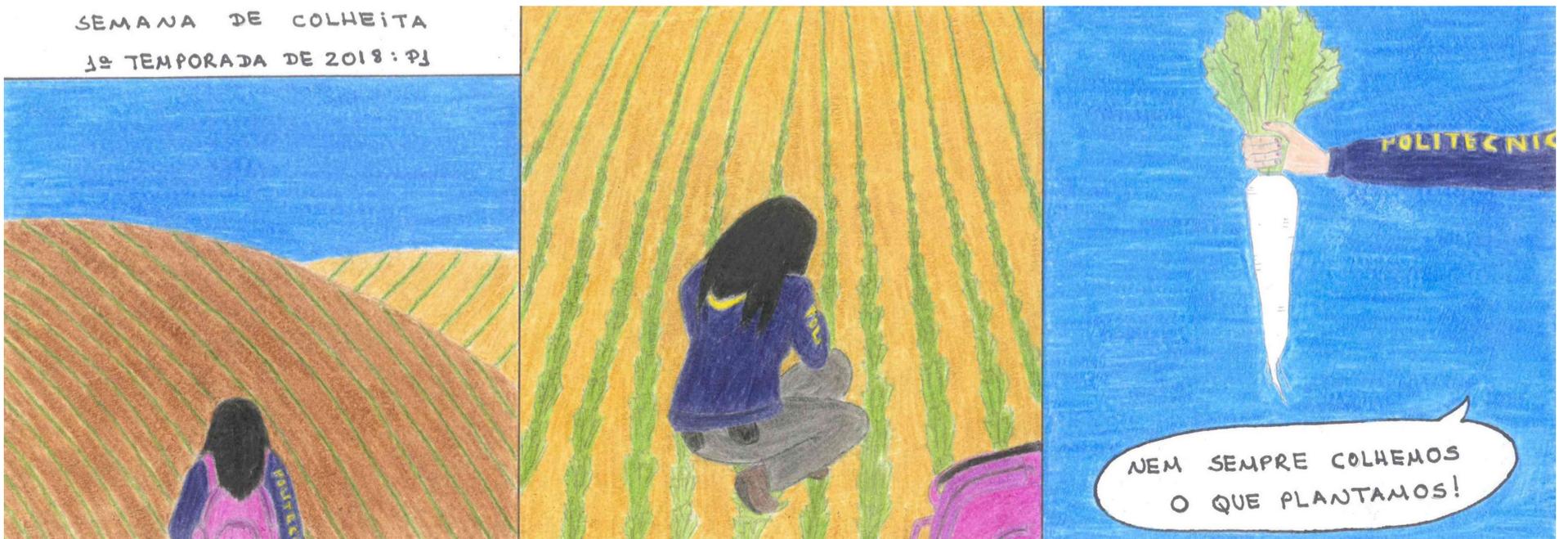
Fases

Observo minha sombra a luz do luar diminuir.
É o reflexo do que já vivi. É o passado; dou um passo para trás e me permito sentir.
Antes não o pude fazer, e há certeza que amanhã não poderei sem fugir.
O tempo passa; vejo as imagens que deixei anteriormente serem levadas para que possam fluir.
Não tenho certeza do que está por vir.
Minha imaginação toma conta de mim: expectativas criadas sem nada para cumprir.
Lembranças de uma era perdida aparecem para me extorquir.
É um martim, um soldado, um combatente, um guerreiro em sua luta afim.
E foi assim, que percebi, que as coisas mudam ao notar a lua se apagar com suas fases sem fim.

Lucas Alves da Costa,
Engenharia Ambiental, 3º ano.

Coluna TBT

SEMANA DE COLHEITA
3ª TEMPORADA DE 2018: PJ



Veiculada originalmente na 2ª edição de 2018

Faketécnico: JúpiterWeb

Nova categoria de Speedrun é criada por politécnicos e vira febre universitária

Um dos momentos de grandes emoções no início de cada semestre são as interações de matrícula, nesse período a organização e a paciência são elementos fundamentais não só para montar a grade horário, mas, principalmente, encarar o sistema que não suporta a quantidade de alunos, bugs, aulas com horários errados, entre outras questões.

Diante dessas dificuldades, um grupo de amigos de diferentes áreas da Engenharia formalizou a primeira categoria de Speedrun do JúpiterWeb.

Origem

No começo de 2020, de acordo com um dos criadores, teria partido de um dos colegas como “um pequeno desafio”, mas, quando os primeiros tempos apareceram, surgiu a necessidade de organizar quando deveria iniciar e terminar o cronômetro. “Éramos em 11, alguns iniciavam na tela de Login, outros somente na tela de interação de matrículas, era enorme a confusão”. Depois das interações de matrícula do primeiro semestre, eles decidiram formalizar as regras e, ao longo do primeiro semestre, novas pessoas entraram no desafio.

A primeira categoria possui a seguintes regras:

- O tempo deve iniciar na aba “Montar Grade” e deve ser finalizada somente quando aparecer na tela que a matrícula foi salva;
- Não pode ter antecipadamente alguma matéria para a realização da Speedrun;
- Deve conter, no mínimo,

30 créditos selecionados e atender a seguintes itens:

- Deve ter, no mínimo, 4 créditos de optativa livre oferecidos pela Poli;
- Deve ter, no mínimo, 4 créditos de optativas oferecidas por instituições fora da Poli;

melhor organização elegeu, por votação, 4 pessoas que seriam juízes para verificar os vídeos e validar a Speedrun. “Era uma loucura! Sempre que alguém conseguia abaixar o tempo já vinha outros 20 vídeos com tempos menores” disse um dos juízes.

Apesar da enorme competitividade, sempre que alguém de-

Sucesso na universidade

Em 2021 foi a primeira vez aberto para todos da Poli e o sucesso foi imediato, de acordo com o site apenas no primeiro dia de interação teve mais de 2000 vídeos candidatos, mas claramente que o JúpiterWeb não suporta tantos usuários ao mesmo tempo, rolando nas redes sociais relatos de pessoas que levaram mais de 30 minutos para somente conseguir fazer o login no Sistema. O recorde atual é de 6h26min56s.

Com o sucesso disso novas categorias foram criadas, como a categoria créditos mínimos, uma categoria mais simples e rápida, já a “mínimo 40 créditos” exige maior organização dos passos e das matérias, mas são categorias ainda emergentes.

Fora da Poli já existem grupos de competidores sendo formados e parece crescer a cada dia de interação, logo no primeiro dia (18/02) alunos FEA, IME, IF teriam criando categorias focada mais nos seus cursos. “Essa interação incentivou maior comunicação entre turmas diferentes instituições” disse uma aluna do IME.

No final, mais de 50 categorias e, aproximadamente, 100 grupos de WhatsApp sobre Speedrun foram criadas, mas o mais importante é a união dos alunos de diferentes institutos que possa durar por anos.

Maikon Semelewicy,
Engenharia Civil, 4º Ano.



- Não serão computadas matérias oferecidas no final de semana;
- Matérias que não possuem duração semestral não serão consideradas;
- Turmas Web não serão consideradas;
- Reoferecimentos em horário integral de almoço (das 11:10 até às 13:10) não serão consideradas;
- Poderá ter, no máximo, 4 créditos que podem ser realizados fora do período comum de aulas da Poli (07:30 até as 17:00).

Período de testes

Já no segundo semestre de 2020, esse grupo já contava com quase 50 alunos, mas para

envolvia algum método ou encontrava bugs no sistema era imediatamente compartilhado no grupo de WhatsApp, criando uma relação de união única.

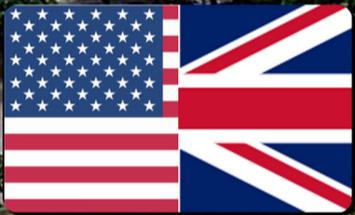
No final das interações a JúpiterWeb Speedrun foi considerada um sucesso: “Todos adoraram participar! Mas o último passo é tornar mais independente para atender a todos da Poli!”. Com isso o grupo começou as conversas com associações de speedrun para torná-la uma categoria oficial. Depois de longas trocas de e-mail e conversas, no final de novembro conseguiram o reconhecimento de um grande site. “Nunca imaginei quando lancei (o desafio), foi uma ideia boba que tornou algo sério!” disse o membro que propôs o desafio!



poliglota
idiomas



Desconto para alunos USP!



**Parcele em até
6x de R\$ 176,00**

**MATRÍCULA ABERTAS PARA
O EXTENSIVO DO 2º SEMESTRE!**



poliglotaaidiomas.com



(11) 96591-5785